

Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta

CARLOS BORGES

# Do Espinho à Floração

OBRAS SELECIONADAS 1984 a 2014



CARLOS BORGES

# Do Espinho à Floracção

OBRAS SELECIONADAS 5 1984 a 2014

# Depoimento

Como artista que vive em Brasília e, mais ainda, criado no contexto da “Capital da Esperança”, era inevitável que meu trabalho refletisse um caráter singular na sua forma. Não posso negar a influência das linhas arrojadas da branca arquitetura da cidade por onde passo todos os dias, nem seu purismo, fruto do auge do movimento moderno e da personalidade do traço de seus criadores.

Como cidadão, trabalho, vivo e experimento uma dita “Cidade do Futuro”. Contudo, esse mesmo caráter futurista da cidade contrasta com o seu entorno caótico. Da paisagem típica do cerrado, mesmo dentro do tecido urbano minhas inspirações são os vegetais, a botânica e a beleza única das espécies que só aqui florescem em meio aos prédios sobre pilotis.

Meu trabalho é assim, marcado pelo contraste, pela contraposição de opostos e sua questão central na construção de um vocabulário visual é pautada na aproximação de elementos que não deveriam ou não poderiam estar juntos: o plano e o tridimensional; o liso e o rugoso; o branco e o preto; o mecânico e o orgânico; a paz e a agressividade; a cor e a forma. A diversidade técnica frequentemente encontra a unidade nos temas e imagens materializados. Utilizo-me livremente das técnicas mais apropriadas ao que quero obter como resultado de cada obra na busca e invenção do que costumo chamar de um “Mundo Novo”.

Busco a essência da forma, as cores primárias, a materialização de objetos e pinturas que traduzem sentimentos como inquietação, sensualidade, provocação do olhar pela vida de criaturas trazidas de algum lugar do meu inconsciente, ou do inconsciente coletivo, na construção de uma mitologia pessoal. Considero-me mais um entre um séquito de guerreiros que luta e trabalha para a elevação do estado das coisas a algo mais humano, fraterno e prazeroso. Para tanto vou buscar no taoísmo um texto que me fala ao coração e que, por absoluta identificação, o transcrevo:

“Os grandes guerreiros antigos eram sutis,  
misteriosamente poderosos,  
e tão profundamente que eram desconhecidos,  
vou tentar aqui descrevê-los.  
Sua atenção era a de quem cruza um rio no inverno,  
Seu cuidado era o de quem teme a tudo ao redor;  
Sua seriedade era a de um hóspede,  
Seu descanso era o do gelo no ponto de derreter-se.  
Simples como madeira não esculpida,  
Abertos como os vales,  
Eram inescrutáveis como o pântano.  
Quem pode, num turbilhão,  
ter a gradativa clareza da imobilidade?  
Quem pode, em pleno descanso,  
ter a gradativa vivacidade do movimento?  
Os que preservam este caminho não desejam abundância.  
Apenas ao não se desejar abundância,  
é possível ter plenitude e não querer mais . ”

The Essencial Tao / Thomas Cleary, 1991

Carlos Borges

# Genese

Fase do artista onde são experimentadas as técnicas mais simples da pintura e a produção de imagens que, na sua interpretação simbólica, reconstroem um mundo imaginário já alusivo à própria cidade de Brasília. O sentimento de estranheza e o território ermo e inóspito aparecem simbolizados em trabalhos figurativos na forma de naves e objetos. Uma apropriação de imagem para falar de Brasília, a pequena pintura do personagem de Lasar Segall na Esplanada pode ser considerada o início e uma releitura do ícone do urbanismo moderno: "O Plano Piloto".

Observar o cuidado, a persistência e a paciência com que Carlos Borges literalmente acrescenta incansáveis camadas à textura de suas criaturas, em um processo quase meditativo, dilata e desacelera qualquer noção do que chamamos de Tempo. Este processo em camadas começou em uma pequena casa-ateliê, onde morava e trabalhava Carlos. Esta casa era, assim, um mundo à parte - o próprio lugar onde o Tempo tecia seu Tempo; um lugar retirado e tranquilo onde a vegetação nativa manifestava-se livremente. Ao que me parece, lá já estava, latente, a possibilidade da emergência de uma nova camada, complementar à natureza existente - uma natureza criada ou, quem sabe, simplesmente, deixada vir à tona por Carlos.

Naquela casa-ateliê, solta em uma grande paisagem, havia um acordo tácito entre a árida paisagem imediata, o vento, a vista de Brasília ao longe, as pessoas, e as mais vivas criaturas, ou mesmo espécies criadas pelo artista. E que espanto conhecer as entranhas de suas criaturas - um verdadeiro mundo plausível! Sua obra poderia ser, de fato, uma arquitetura, e, em meus devaneios fotográficos sempre tentei demonstrar claramente esta condição. Não me surpreenderia habitar sua obra, e dentro dela encontrar humanidade. Há algo de inovador, irreverente, afetivo e profundo em aceitar o lugar, o cerrado, as árvores tortas, os espinhos, o vasto céu, as diferenças, a dor, e amá-los. Assim, Carlos não produz objetos: recria e intensifica a nossa noção de lugar, de afeto, e nossa maneira de estar no mundo. Sua obra não se refere a uma simples materialidade, outras camadas por ele reveladas estarão nos interrogando e clamando por respostas em um mundo fendido e fragmentado.



Personagem de Lasar Segall na Esplanada  
25 x 32cm  
Óleo sobre papel e Eucatex  
1984



Naves do Planalto - A  
100 x 100 cm  
Têmpera vinílica sobre  
papelão corrugado  
1987



Naves do Planalto - B  
100 x 100 cm  
Têmpera vinílica sobre papelão corrugado  
1987



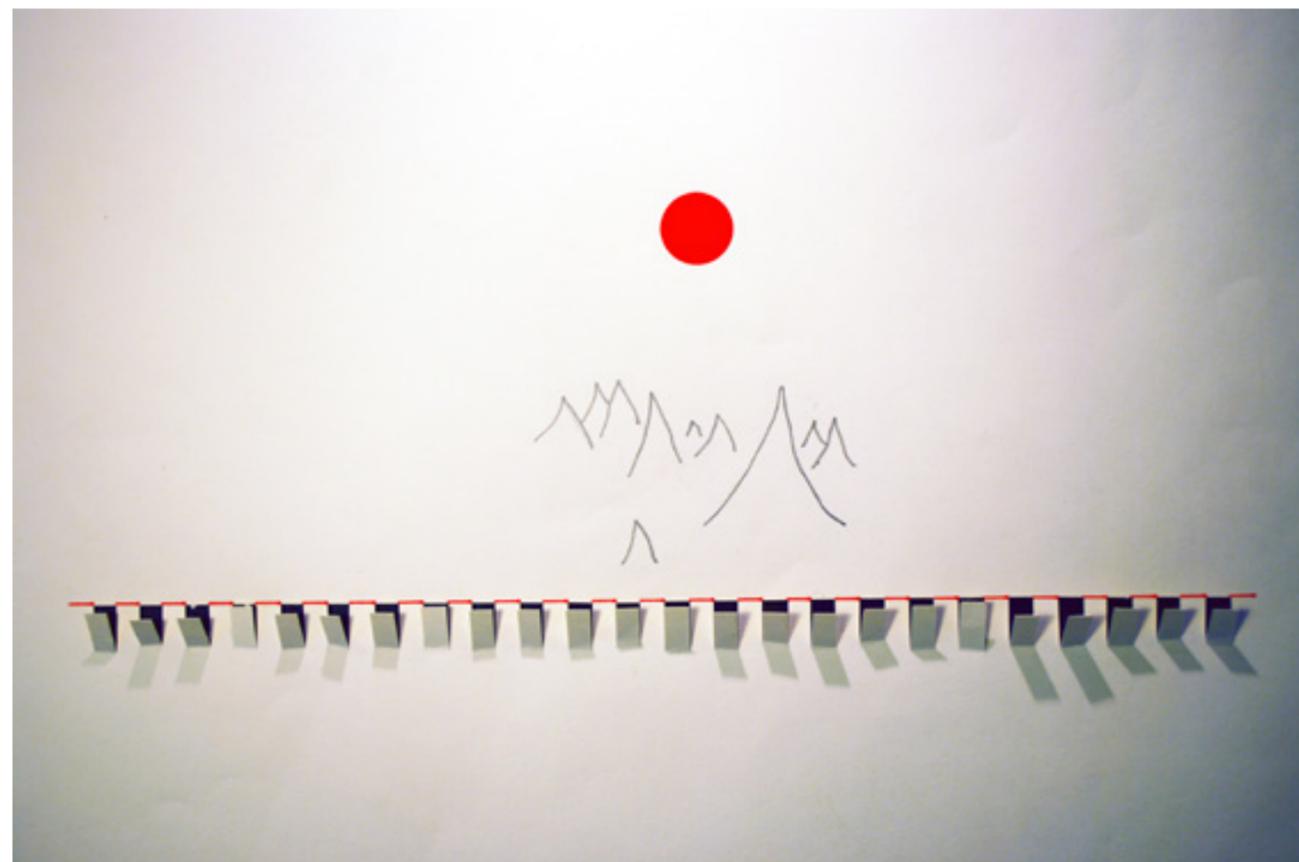
Naves do Planalto - C  
100 x 100 cm  
Têmpera vinílica sobre papelão corrugado  
1987



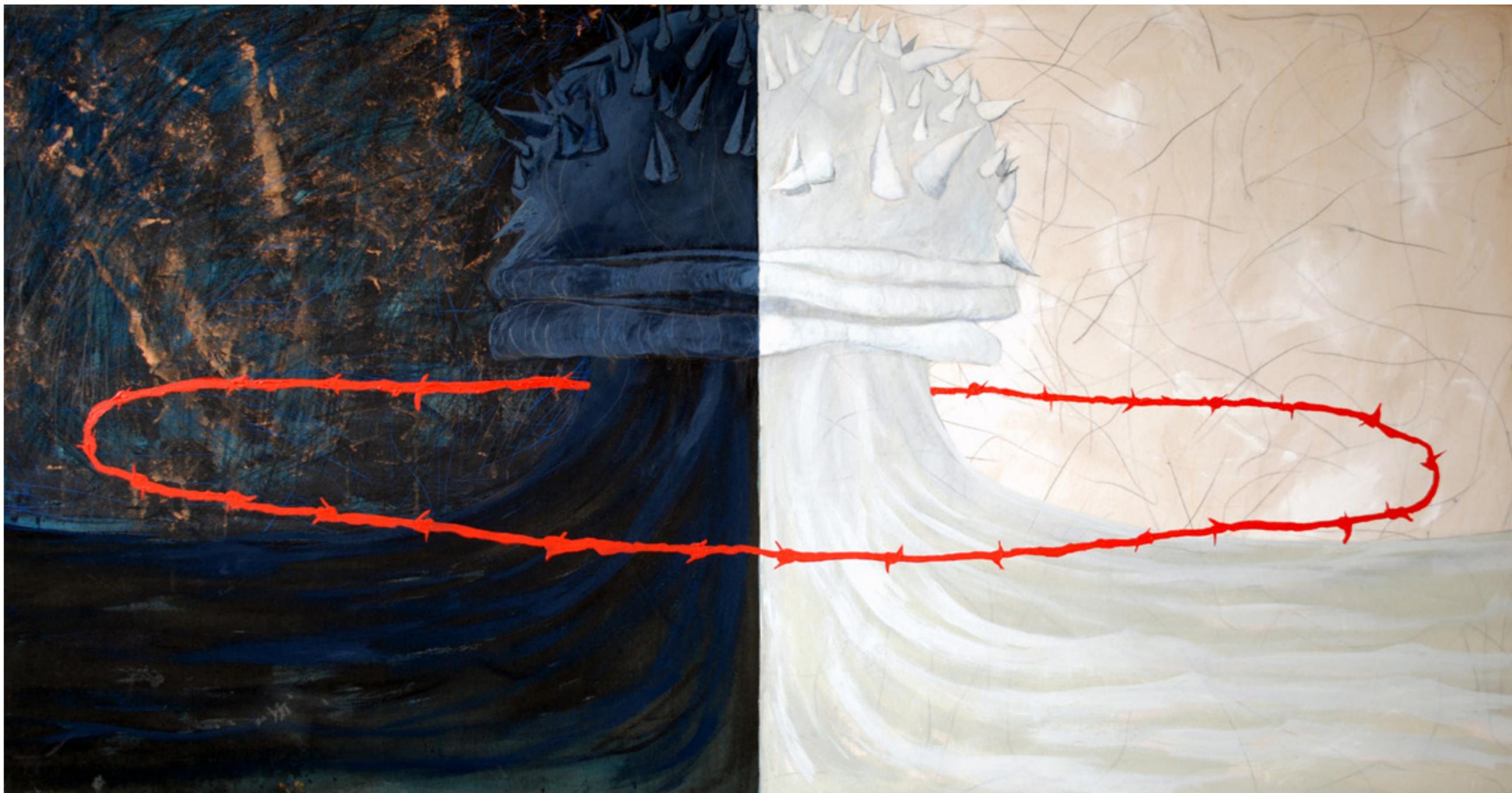
Nave Plano Piloto  
266 x 120cm  
Recorte com técnica mista sobre madeira  
1990

# OS ESPINHOS

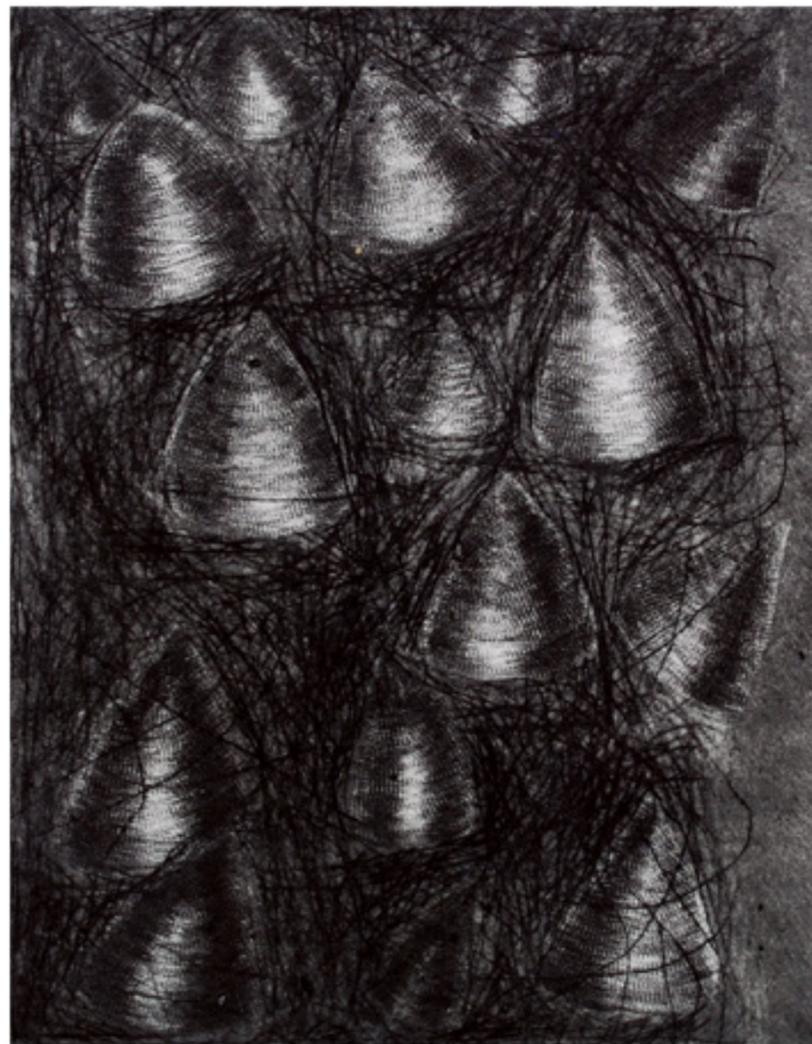
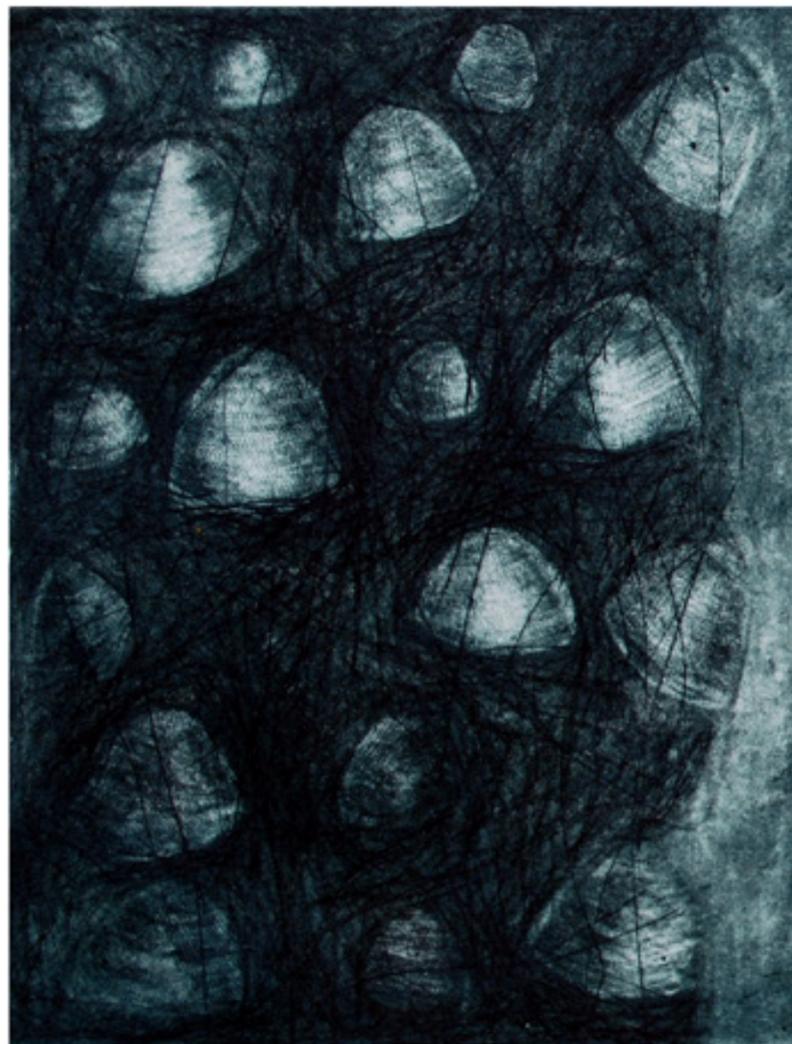
Estas obras representam os primeiros anos de busca da linguagem e tem relevância no processo do artista. Tais trabalhos são considerados emblemáticos da fase dos espinhos e originaram-se na pesquisa e especulação estético/formal do espinho da "barriguda", como é vulgarmente chamada a paineira, uma árvore presente no espaço urbano de Brasília. Como uma nova célula, o espinho apropriado se redistribui no universo de criação em diversos suportes, desde o papel que ora é recortado, amassado ou simplesmente desenhado, ou gravado. O espinho cria uma nova narrativa depois de deixar o tronco da barriguda.



Portais  
61 x 44 cm  
Acrílica e lápis sobre papel e recortes  
1992



Meridiano  
290 x 115 cm  
Têmpera vinílica sobre tela  
1992



KO  
44 x 30cm  
Gravura em metal  
Água forte, água tinta e ponta seca  
1992



Sem Título  
61 x 44 cm  
Acrílica , lápis e folha de cobre sobre papel  
e recortes  
1992



Sem Título  
Dimensões – 18 x 30 cm  
Acrílica sobre papel e recortes  
1992

Espinhos  
Média 28 cm de altura  
Múltiplos em resina de poliéster  
1992





Sem título  
18 x 20 cm  
Relevo seco sobre papel  
1991

## “Se eu gritasse, quem das legiões dos anjos me ouviria?” (Rilke)

A Primeira vez em que me deparei com uma obra de Carlos Borges tive uma sensação estranha, intensa e inédita, para além de toda agradável surpresa ou possível deslumbramento – foi o impacto de uma sensação física, de uma carícia desfechada como se fosse um golpe. Fui lançado para trás, não para dentro de mim, mas para além de tudo o que conhecia, ou mesmo o que compreendia do resto do mundo.

Tudo não durou mais do que uns poucos segundos, mas durante esse tempo fui transportado a outro universo, de intenções totalmente diferentes deste que conhecemos e habitamos. A obra era “Mutações”, um ser estranhíssimo que o artista prefere chamar de escultura, talvez para resguardar-se. Ela possui uma beleza própria, ensimesmada, que não se remete a qualquer modelo conhecido – e, no entanto, exhibe-se extremamente sedutora.

Carlos Borges utiliza uma boa gama do universo de símbolos disponíveis, tendo consciência de seus significados, ou não. Na maior parte do tempo esse conhecimento não é racional, mas advém de uma exacerbada intuição. Não se faz absolutamente necessário conhecer de fato o universo deste artista para compreender sua obra. Sua contundente intensidade e sua interpretação do mundo parecem-nos alienígena à primeira vista, mas em seguida revela-se profundamente humana.

A autonomia que busca para sua obra, no sentido de que este artista parece criar para ocupar o vazio, compor com ele, e não negá-lo ou eliminá-lo, parece ser ação construtora de uma espécie de Zen-arte, já que seu pensamento se baseia em inseparáveis oposições. Somado à herança de sua formação acadêmica como arquiteto, esse desejo de materializar algo construído em todas as suas etapas, os trabalhos/objetos são fortes e unos na sua diversidade.

Carlos Borges parece compreender nossa origem muito bem e nela encontra um caminho para sua obra, uma fonte de riqueza e vivência - não apenas da exploração dos opostos, da dualidade, o que o reduziria a simples maniqueísmo, mas tanto mais intrincada reelaboração de uma unidade.

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa todo entendimento”. É esta frase de Clarice Lispector que me ocorre sobre a obra de Carlos Borges... O convite é irrecusável.

Enquanto existir esse artista, podemos seguir em paz, a seu lado, pelos caminhos que ele vem nos ofertar.

“Todo anjo é espantoso.” (Rilke).

**Marcelo Ferraz de Abreu**  
São Paulo, Maio de 1996.

# As Criaturas

Surgem os guerreiros, as armas e um exército de seres em bi e tridimensão cuja representação poderia retratar a alma de um contingente que aqui veio, trabalhou, lutou e construiu uma nova cidade nascida do nada. No fundo uma associação das dores de qualquer processo de conscientização toma seu lugar na construção de uma mitologia pessoal.



Aparição  
84 x 113cm  
Mista sobre madeira  
1993



Mutações  
150 cm de altura  
Fibra de vidro, pintura automotiva e ferro  
1994

## Mutações

Objeto de rara capacidade provocadora foi destaque no Salão de Arte do ano de 1993, selecionada para a I Bienal de Arte Incomum.

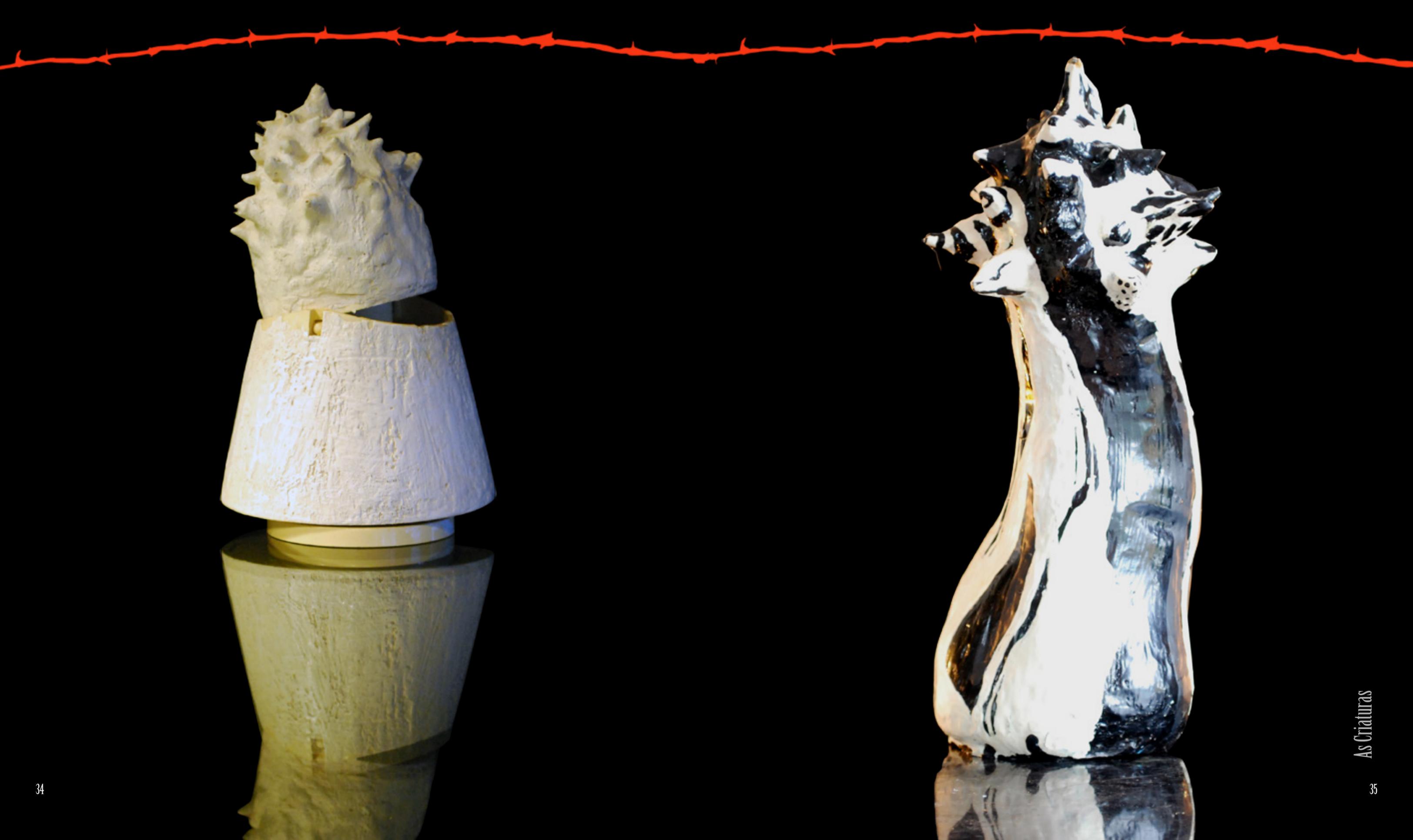
Depois de despontar naquele ano a mesma peça passa a frequentar exposições individuais e coletivas sempre com muito destaque. Em São Paulo no projeto de revitalização do Centro antigo na Galeria do SESC / Carmo, no ano de 1994, e por último na exposição coletiva "Entrecopas", com curadoria de Wagner Barja, por ocasião da passagem da copa de 2014 no Brasil onde ficou exposta no Museu da República em Brasília. De lá para cá, a escultura é sempre objeto de muita discussão.



Reunião de criaturas  
Média 40cm de altura  
Encáustica, resina de poliéster e  
pigmento sobre materiais diversos  
1994







Criaturas Espectrais  
140 cm de altura  
Encáustica e pigmento sobre bambu  
1993



# Debaixo dos Panos

Os espinhos são encobertos e outra fase se desdobra. Grandes telas são cuidadosamente tensionadas sobre as formas pontiagudas de vários tamanhos e levam ao limite o estado de tensão. No limite do rompimento, se estabilizam e recebem o tratamento clássico de preparação da "cama" para a pintura e a posterior aplicação de têmpera com pigmentos minerais numa alquimia também criada pelo artista. Sobre estas superfícies sensuais, que ele chamou muitas vezes de "Paisagem", são aplicadas as cores mais vibrantes e puras em monocromias ou estampas, compondo um visual provocativo e mutante conforme a incidência da luz.



Reflexo  
192 x 140 cm  
Encáustica, têmpera vinílica e  
pigmento sobre tela e objetos  
1993

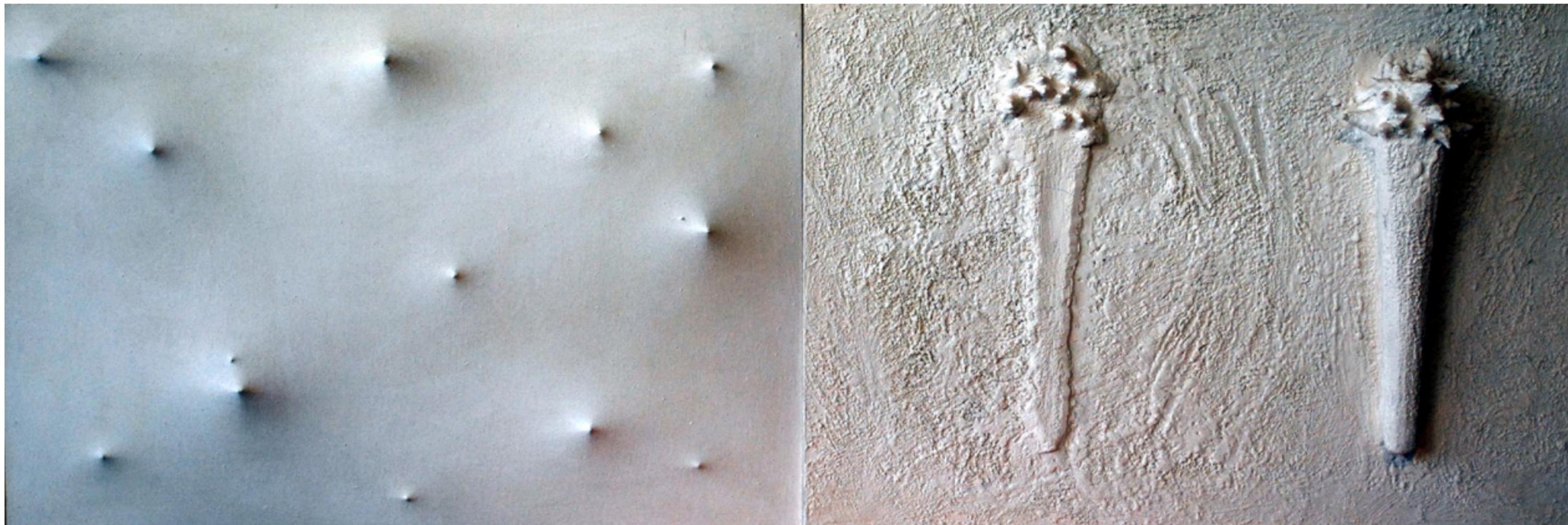
Obra selecionada para  
o Prêmio Gunther de  
pintura do Museu de  
Arte Contemporânea  
da USP 1993



Monolito  
50 x 205 cm  
Têmpera vinílica sobre tela e objeto  
1995



Reflexo  
192 x 140 cm  
Encáustica, têmpera vinílica e pigmento  
sobre tela e objetos  
1993



Guerra e Paz  
80 cm x 40 cm  
Tela e pigmentos sobre objetos e  
encáustica sobre madeira e objetos.  
1993



Paisagem - Díptico  
200 x 100 cm  
Têmpera vinílica sobre tela e objetos  
2002



Grande Paisagem 04 Pinturas  
100 x 80 cm cada  
Têmpera vinílica sobre tela e objetos  
1996



# Florações

A última parte da mostra já se refere à produção atual e poderá ser apreendida na sua melhor forma graças ao trajeto feito pela mostra. A série florações é um exemplo de continuidade do processo. O artista demonstra que, ao se romper fisicamente com o outro ciclo, encontra uma nova ordem na sua concepção plástica e o resultado são as formas de cores puras e monocromáticas, numa alusão às árvores da cidade, que têm no seu bojo o conteúdo de todo o processo anterior numa ode à natureza, aos criadores e aos artistas da cidade que tanto o inspiram. De novo, o tridimensional e o jogo com a luz faz com que esses trabalhos dialoguem com o olhar de uma forma provocativa. Serão produzidas 04 pinturas denominadas Florações .







Carlos Borges - 2014

# Bloco Central

## Ícone, Estandarte e Instalação

O espaço central apresenta três trabalhos emblemáticos. Ao observador será oferecido um "caminhar" por todo o conjunto da obra e uma pausa no centro para a percepção da seguinte trilogia:

- A Instalação "Narciso e Eco", apresentada em Brasília e São Paulo, marca a trajetória do artista.
- A pintura "Sentinela" premiada no XII Salão Nacional de 1991, hoje integra o acervo do Museu de Arte de Brasília.
- O "Estandarte", um trabalho que representou Brasília em Portugal na mostra "A cidade e o cidadão – gente que ama Brasília".



Prumo Piloto  
230 x 210 cm  
Estandarte em microfibra montado em inox e objetos  
1995

# Sentinela

A obra *Sentinela* é Prêmio Aquisitivo GDF no Prêmio Brasília de Artes Plásticas e XII Salão Nacional de Artes Plásticas, realizados em conjunto pelo Museu de Arte de Brasília – MAB, em 1991/92.

A pintura de grande formato personifica os principais propósitos do evento, nas palavras do crítico de arte Casemiro Xavier de Mendonça, membro do júri de seleção e premiação: “avaliar as tendências dominantes e abrir espaço para jovens artistas de todo o Brasil”.

Para o MAB é muito significativo, e um grande orgulho, que esse Prêmio tenha sido concedido a Carlos Borges, que desenvolveu grande parte da sua produção artística em Brasília.

Brasília, abril de 2014.  
Ana Frade  
Museu de Arte de Brasília/SeCultDF  
Gerente



*Sentinela*  
230 x 210 cm  
Têmpera vinílica sobre Tela  
Prêmio Brasília –XII Salão Nacional  
1991



Narciso e Eco  
12 m<sup>2</sup>  
Têmpera vinílica sobre tela e objetos com espelho d'água  
1995

# Conheça

as galerias de arte  
da Câmara dos Deputados



Gabinete de Arte  
Gabinete da Presidência | Edifício Principal



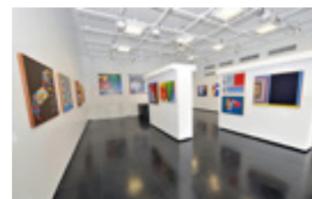
Salão de Arte  
Galeria de Arte do 10º andar | Anexo IV



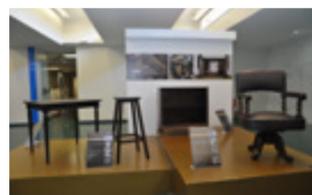
Exposições Históricas  
Corredor de Acesso ao Plenário Ulysses Guimarães



Exposições Especiais  
Salão Negro | Edifício Principal



Câmara das Artes  
Galeria de Arte do Salão Nobre | Edifício Principal



Exposições Institucionais  
Espaço do Servidor | Anexo II

## REALIZAÇÃO



<b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados</b>	<b>Coordenação do Projeto</b> Centro Cultural Câmara dos Deputados
Presidente <b>Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)</b>	Diretora do Centro Cultural <b>Isabel Martins Flecha de Lima</b>
1º Vice-Presidente <b>Arlindo Chinaglia (PT-SP)</b>	Curadoria e Fotografia <b>Carlos Borges   Assistentes de Atelier</b> <b>Guilherme Freire   Mario Dumay</b>
2º Vice-Presidente <b>Fábio Faria (PSD-RN)</b>	Produção <b>Goya Oliveira</b>
1º Secretário <b>Márcio Bittar (PSDB-AC)</b>	Fotografia <b>Peninha</b>
2º Secretário <b>Simão Sessim (PP-RJ)</b>	Projeto Gráfico <b>Daniel Davini   Ely Borges</b> <b>Henrique Marinelli   Octávio Rold</b>
3º Secretário <b>Maurício Quintella Lessa (PR-AL)</b>	Expografia <b>André Ventorim</b>
4º Secretário <b>Biffi (PT-MS)</b>	Montagem da Exposição <b>André Ventorim   Edson Caetano   Wendel Fontenele</b> <b>Paulo Titula   Maira Cerqueira</b>
Suplentes <b>Gonzaga Patriota (PSB-PE)</b> <b>Wolney Queiroz (PDT-PE)</b> <b>Vitor Penido (DEM-MG)</b> <b>Takayama (PSC-PR)</b>	Revisão de textos <b>Odúlia Capelo e Jupira Correa</b>
Ouvidor Parlamentar <b>Nelson Marquezelli (PTB-SP)</b>	Assessoria de Imprensa <b>C.André Laquintinie</b>
Procurador Parlamentar <b>Claudio Cajado (DEM-BA)</b>	Coordenação do Núcleo de Design <b>Akimi Watanabe</b>
Corregedor Parlamentar <b>Átila Lins(PSD/AM)</b>	Agradecimentos Especiais <b>Centro Cultural Câmara dos Deputados</b> <b>MAB – Museu de Arte de Brasília  </b> <b>Diretora de MAB – Ana Frade   Peninha  </b> <b>Wagner Barja – Diretor do Museu do</b> <b>Conjunto Cultural da República   4M Molduras</b> <b>Maria Lúcia Sigmaringa Seixas   Luíza Borges</b> <b>Guilherme Freire   Mario Dumay   Graça Ramos</b> <b>Renata Azambuja</b>
Diretor-Geral <b>Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida</b>	Impressão <b>Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA</b>
Secretário-Geral da Mesa <b>Mozart Vianna de Paiva</b>	

## Informações

Centro Cultural Câmara dos deputados  
0800 619619 - [cultural@camara.leg.br](mailto:cultural@camara.leg.br)  
Palácio do Congresso Nacional - Câmara dos Deputados  
Anexo I - Sala 1601 - Cep 70.160-900 - Brasília/DF  
<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centrocultural>

## Contato do Artista

[carlosborges@carlosborges.com.br](mailto:carlosborges@carlosborges.com.br)  
[carlosb59@gmail.com](mailto:carlosb59@gmail.com)  
61-3467-0229 ou 9975-2822

Brasília, setembro 2014



Centro Cultural